
The background of the cover features a dark purple gradient with several musical staves and notes rendered in a metallic, reflective style. A large treble clef is prominent on the right side. The scene is filled with soft, out-of-focus bokeh lights in shades of orange, yellow, and white, creating a warm and artistic atmosphere.

As Práticas e a Docência em Música 2

Cláudia de Araújo Marques
(Organizadora)



As Práticas e a Docência em Música 2

Cláudia de Araújo Marques
(Organizadora)

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
 Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
 Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
 Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
 Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
 Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
 Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
 Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
 Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
 Prof. Me. Douglas Santos Mezacas -Universidade Estadual de Goiás
 Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
 Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
 Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
 Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
 Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
 Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
 Prof. Me. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
 Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
 Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
 Profª Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
 Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
 Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
 Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
 Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
 Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

P912 As práticas e a docência em música 2 [recurso eletrônico] /
 Organizadora Cláudia de Araújo Marques. – Ponta Grossa, PR:
 Atena, 2020.

 Formato: PDF
 Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
 Modo de acesso: World Wide Web
 Inclui bibliografia
 ISBN 978-65-86002-83-6
 DOI 10.22533/at.ed.836200204

 1. Música – Instrução e estudo. 2. Prática de ensino.
 3. Professores de música – Formação. I. Marques, Cláudia de Araújo.

 CDD 780.7

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A coleção “As Práticas e a Docência em Música 2” é uma obra que tem como objeto de reflexão científica por intermédio de trabalhos diversos que compõe seus capítulos. O volume abordará de forma categorizada e interdisciplinar trabalhos, pesquisas, relatos de casos e/ou revisões que transitam nos vários caminhos da educação musical e das práticas musicas.

O objetivo central foi apresentar de forma categorizada e clara estudos desenvolvidos em diversas instituições de ensino e pesquisa do país. Em todos esses trabalhos a linha condutora foi o aspecto relacionado à musical nas suas relações de ensino-aprendizagem, práticas musicais, música e cultura. A música em seus diversos campos de conhecimento tem avançado em fazeres integrando ações que venham aperfeiçoar o pluralismo musical, seja na pesquisa, na educação musical ou na interpretação.

Temas diversos e interessantes são, deste modo, discutidos aqui com a proposta de fundamentar o conhecimento de acadêmicos, mestres e todos aqueles que de alguma forma se interessam pela música em seus aspectos multifacetado. Possuir um material que demonstre evolução de diferentes estudos sobre o fazer musical com dados substanciais de regiões específicas do país é muito relevante, assim como abordar temas atuais e de interesse direto da sociedade.

Deste modo, a obra *As Práticas e a Docência em Música* apresenta uma teoria bem fundamentada nos resultados práticos obtidos pelos diversos professores e acadêmicos que arduamente desenvolveram seus trabalhos que aqui serão apresentados de maneira concisa e didática. Sabemos o quão importante é a divulgação científica, por isso evidenciamos também a estrutura da Atena Editora capaz de oferecer uma plataforma consolidada e confiável para estes pesquisadores exporem e divulguem seus resultados.

Cláudia de Araújo Marques

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
ASPECTOS CULTURAIS DE ESCOLAS DE MÚSICA PÚBLICAS DA BAIXADA LITORÂNEA DO RIO DE JANEIRO: ENTREVISTA A EX-ALUNOS QUE ATUAM PROFISSIONALMENTE	
Fabiano Lemos Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.8362002041	
CAPÍTULO 2	11
MÚSICA FOLCLÓRICA E EDUCAÇÃO MUSICAL	
Cristina Rolim Wolffenbüttel	
DOI 10.22533/at.ed.8362002042	
CAPÍTULO 3	23
ENSINO DE PERCEPÇÃO MUSICAL: UMA EXPERIÊNCIA COM TURMAS INICIAIS E INICIADAS SOB O VIÉS DO TRADICIONAL E DA LINGUAGEM MUSICAL	
José Simião Severo	
DOI 10.22533/at.ed.8362002043	
CAPÍTULO 4	37
GRUPO CHORINHO NA PRAÇA: APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO PARA REALIZAÇÃO DA PRÁTICA MUSICAL COLETIVA DA RODA DE CHORO - JARDIM CAMBURI / VITÓRIA - ES	
Marcelo Rodrigues de Oliveira	
Michele de Almeida Rosa Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.8362002044	
CAPÍTULO 5	47
O USO PEDAGÓGICO DO <i>SOFTWARE</i> MUSIBRAILLE: PROFESSOR E ALUNOS INICIANTE NA MUSICOGRAFIA BRAILLE	
Leonardo Souza	
DOI 10.22533/at.ed.8362002045	
CAPÍTULO 6	60
SIGNIFICADOS ATRIBUÍDOS POR ALUNOS DO 8º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL À NOÇÃO DE MÚSICA	
Leandro Augusto dos Reis	
Francismara Neves de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.8362002046	
CAPÍTULO 7	74
DESPIQUE TROPICAL - A RIVALIDADE NAS MEMÓRIAS E NARRATIVAS DAS BANDAS FILARMÔNICAS PORTUGUESAS DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO	
Antonio Henrique Seixas de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.8362002047	
CAPÍTULO 8	89
O ENSINO E APRENDIZAGEM DA LÍNGUA INGLÊSA : PROPOSTA METODOLÓGICA COM APLICAÇÃO NA MÚSICA	
Eliel Viana Rodrigues	
Anne Louise Fernandes de Medeiros	
Poliana Silva Costa	
Rilma Ferreira de Araújo	

Oselita Figueiredo Corrêa
Armando de Nazaré Fayal Barra
João Batista Santos de Sarges
Maria da Trindade Rodrigues de Sarges
José Francisco da Silva Costa

DOI 10.22533/at.ed.8362002048

CAPÍTULO 9 103

PERFORMA: PRÁTICAS EXTENSIONISTAS EM DIÁLOGO COM A PRÁTICA DA PESQUISA EM MÚSICA

Joyce Maria dos Reis Santana
Simone Marques Braga
Sílvia Azevedo de Oliveira
Wellington Nonato dos Santos
Vanessa Victória Silva Pereira
Paulo Roberto Simões Torres
Maria Vanessa Brito de Oliveira Quade
Camilo de Jesus Nascimento
João Vitor Oliveira Sodré Alencar Machado
Laís de Souza Silva
Alan Silva de Souza

DOI 10.22533/at.ed.8362002049

CAPÍTULO 10 115

O USO DOS SONS, DOS RITMOS E DAS RIMAS NO TEXTO LITERÁRIO COMO UM RECURSO METODOLÓGICO PARA O ENSINO DE LITERATURA

Maria Beatriz Licursi Conceição

DOI 10.22533/at.ed.83620020410

SOBRE A ORGANIZADORA..... 123

ÍNDICE REMISSIVO 124

O USO PEDAGÓGICO DO SOFTWARE MUSIBRAILLE: PROFESSOR E ALUNOS INICIANTE NA MUSICOGRAFIA BRAILLE

Data de aceite: 27/03/2020

Leonardo Souza

Universidade Federal da Paraíba

leonardosouzamus@gmail.com

RESUMO: Este trabalho é resultado de uma pesquisa de graduação¹, cujo objetivo foi compreender como se desenvolve o processo pedagógico musical dos alunos com deficiência visual em contato com o Musibaille, a partir de uma ação realizada com dois alunos de música do Instituto dos Cegos da Paraíba Adalgisa Cunha (ICPAC) situado na cidade de João Pessoa-PB. Tendo em vista o aspecto experimental da presente ação, tanto para os alunos quanto para o professor, foi escolhido o método de pesquisa-ação, que em sua essência consiste em uma forma de investigação que visa uma melhora da prática pedagógica. Nesse sentido, as discussões aqui apresentadas se referem a um dos capítulos da pesquisa que trata sobre as possibilidades de utilização pedagógica do Musibaille, contribuindo para uma melhor compreensão do seu uso no processo de ensino-aprendizagem musical.

PALAVRAS-CHAVE: *software* Musibaille;

1. Trabalho de Conclusão de Curso desenvolvido na Licenciatura em Música da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

2. Coordenado pela profa. Dra. Juciane Araldi Beltrame.

processo de ensino aprendizagem; utilização pedagógica.

1 | INTRODUÇÃO

Nos últimos anos tem-se notado um aumento significativo na discussão sobre o uso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) no processo de ensino-aprendizagem musical (FRITSCH et al., 2003; MILETTO et al., 2004; GOHN, 2010). Vislumbrando o uso do computador como uma das ferramentas que facilitam a produção e transmissão musical (ver: GOHN, 2010), discute-se aprendizagem e autonomia do aluno na exploração de alguns softwares e aplicativos musicais.

Buscando conhecer com maior profundidade essa temática, em 2011, passei a fazer parte do Grupo de Estudos Tecnologias Digitais e Educação Musical (TEDUM)², que tem como objetivo [...] “proporcionar a integração das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDICs) em contextos de ensino e aprendizagem musical, visando uma reflexão teórico-prática acerca dos impactos das novas tecnologias

na pedagogia musical” (ARALDI et al., 2012).

Através da participação no Grupo, comecei a frequentar eventos científicos relacionados à mesma temática, onde durante uma mesa redonda sobre Educação e Tecnologia, foram exemplificados recursos tecnológicos utilizados para proporcionar o acesso do computador aos alunos com algum tipo de deficiência. Após esta experiência, iniciei um processo de leitura e reflexão, pensando de que modo as TDICs poderiam auxiliar no ensino de música para esse público e foi durante uma das reuniões do grupo que conhecemos o Musibraille.

Trata-se de um software de Musicografia Braille que visa [...] “criar condições favoráveis à aprendizagem musical das pessoas com deficiência visual que sejam equivalentes às dos colegas de visão normal” (BORGES; TOMÉ). O mesmo foi idealizado pela professora Dolores Tomé³, especialista em Musicografia Braille e desenvolvido pelo professor Antônio Borges⁴ especialista em Tecnologia Assistiva.

De modo geral, a Musicografia Braille [...] “é um sistema de leitura e escrita universalmente adotado por pessoas cegas. Pressupõe-se que seu ensino seja um elemento fundamental para a inclusão⁵ dos cegos ao campo da música” (BONILHA; CARRASCO, 2007, p. 1).

Ao revisar a literatura sobre o uso do Musibraille em contextos de ensino-aprendizagem musical, foram encontrados Carvalho (2010), que trata sobre o Sistema Braille e sua história; os criadores do Musibraille e a Musicografia Braille; o público cego e as adaptações realizadas no Musibraille, e, Cucchi (2011)⁶ que trata sobre o uso do software Musibraille na intermediação educador leigo em Musicografia Braille e um educando cego. Além desses, foram consultados trabalhos sobre a Musicografia Braille (TOMÉ, 2003; BONILHA, 2006, 2010; KROLICK 2004) e sobre o uso das TDICs no ensino de música (FRITSCH et al., 2003; MILETTO et al., 2004; GOHN, 2010).

Diante do exposto essa pesquisa, teve-se como objetivo geral: compreender como se desenvolve o processo pedagógico musical dos alunos com deficiência visual em contato com o Musibraille, a partir de uma ação realizada com dois alunos de música do ICPAC.

Dentre os motivos que justificaram a realização desta pesquisa, pode-se citar o fato de o Musibraille ser o primeiro software brasileiro capaz de escrever e imprimir em Musicografia Braille e estar disponível para download online⁷; a necessidade de verificar as contribuições do seu uso para uma possível implementação no ensino

3. Professora da Escola de Música de Brasília.

4. Professor do Núcleo de Computação Eletrônica da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

5. “[...] processo pelo qual todo e qualquer aluno esteja inserido ao sistema escolar, independente de sua condição física, intelectual, social ou cultural” (BONILHA; CARRASCO, 2007, p. 2).

6. Trata-se de seu projeto de pesquisa de mestrado. Apenas após o término da minha pesquisa tive acesso à sua dissertação defendida em 2013 (Ver CUCCHI, 2013).

7. Disponível para download em: <http://www.musibraille.com.br/download.htm> Acesso em: 27 set. 2012.

de música (em cursos de graduação, educação básica e escolas específicas); assim como a possibilidade de me familiarizar com o Musibraille e a Musicografia Braille em virtude da ausência desse conhecimento na minha formação. Além disso, na época da pesquisa não foram encontrados registros sobre o ensino da Musicografia Braille no Estado em que resido, o que poderia impossibilitar a inclusão dos alunos com deficiência visual em uma instituição regular de ensino de música.

A seguir apresento a metodologia da pesquisa e o capítulo que traz os resultados principais.

2 | METODOLOGIA

2.1 Escolha e caracterização do campo de pesquisa

Para realização desta pesquisa foi escolhido o ICPAC por dois motivos: primeiro por estar situado na cidade de João Pessoa, o que facilitou o acesso ao espaço, e segundo devido à disponibilidade do Instituto e do professor de música que não era familiarizado com a Musicografia Braille. Nesse sentido, propus a realização de um projeto piloto onde me inseri enquanto professor e pesquisador, para verificar as possibilidades pedagógicas do software Musibraille.

Ao conversar com o professor de música do Instituto sobre o espaço destinado a música naquele contexto, ele afirma que a sua função está mais relacionada com a reabilitação terapêutica do que com finalidades artísticas, no entanto, os alunos que mostram interesse pela música, são direcionados para uma Escola Especial de Música (EEM) mantida pelo Governo do Estado. Outro aspecto importante a ser destacado é que a aula de música nesse contexto é caracterizada pelo ensino individual de instrumento (flauta doce, violão, teclado e canto) e é chamada de atendimento.

Além da familiarização com a instituição foi necessário conhecer os alunos que participariam da presente pesquisa, de modo, a propor uma ação a partir do contexto observado.

2.2 Participantes da pesquisa

Essa pesquisa foi realizada com dois estudantes de música cegos, que foram selecionados a partir da indicação do professor de música do Instituto. Esses alunos foram escolhidos por terem participado de um curso de iniciação a Musicografia Braille promovido em 2011. Sendo assim, participaram os alunos: Fábio⁸, 14 anos, estudante de violoncelo, e, Wesley, 19 anos, estudante de piano. Ambos cursavam a educação básica em escola pública, sendo que o Wesley estava cursando o 3º

8. Todos os membros serão chamados pelos seus pseudônimos, preservando suas identidades.

ano do ensino médio, enquanto o Fábio estava cursando o 9º ano.

Sobre a iniciação musical desses alunos, é importante destacar que eles são irmãos, e por esse motivo, possuem algumas semelhanças nas suas iniciações musicais. A iniciação musical de Wesley se deu aproximadamente aos 7 anos de idade. Como havia um teclado em casa, ele começou a explorar o instrumento sozinho. A partir dessa iniciativa, ele estimulou seus irmãos a estudarem música também. Com o auxílio do Wesley, a iniciação do Fábio se deu da mesma forma, no entanto ele afirma que aprendeu mais de ouvido. Posteriormente, em momentos diferentes, ambos passaram a estudar teclado em uma Igreja Batista que frequentavam, e tempos depois, passaram a estudar na EEM, o Wesley, piano, e o Fábio violoncelo, onde estudaram durante três anos. Na época, devido às várias atividades desempenhadas pelos alunos na escola regular e no Instituto, ambos não estavam frequentando aulas de instrumento regularmente.

Sobre a Musicografia Braille, eles comentam apenas sobre um curso de Musicografia Braille que fizeram em 2011, com duração média de um ano, nesse sentido, eles consideravam conhecer somente o básico e sobre o Musibraille, apenas Fábio já tinha ouvido falar, e tentou utilizar, no entanto não conseguiu passar da tela de abertura.

Essas informações foram suficientes para a criação de um curso que atendesse tanto as necessidades da pesquisa, quanto as necessidades desses alunos.

2.3 O plano de ação

A partir da caracterização do espaço e do conhecimento do perfil dos alunos foi planejado um curso de teoria e percepção musical que foi realizado no laboratório de informática do Instituto, na intenção de viabilizar o contato dos alunos com o software Musibraille. Para tanto, foram utilizados quatro computadores com sistema operacional Windows, todos com caixa de som, que era requisito mínimo para que o curso fosse realizado.

O curso teve duração de sete encontros de duas h/aula cada, que ocorreram semanalmente as terças-feiras no período de 23/04 a 18/06 de 2013. Para a criação do plano de ação que direcionou esta prática, foi necessário estudar sobre a Musicografia Braille e conhecer o funcionamento do software⁹. A concepção pedagógica do curso teve como base os autores: França e Swanwick (2002); França (2009); Souza (2004); Tomé (2003) e Bonilha (2006; 2010). Nesse sentido, os assuntos desenvolvidos seguiram a sequência exposta no Quadro 1.

9. Por não ter participado de nenhuma formação relacionada ao Musibraille e a Musicografia Braille, para compreender melhor o funcionamento de ambos, entrevistei o professor Antonio Borges antes da entrada em campo.

1	Iniciação aos fundamentos da escrita musical em Braille a partir do <i>software</i> Musibraille.
2	Escrita e leitura musical em Braille.
3	Transcrição musical a partir da percepção melódica, harmônica, rítmica e timbrística.
4	Leitura da Musicografia Braille a partir do que foi escrito/transcrito durante as aulas.
5	Performance musical através da flauta doce a partir da leitura do que foi escrito/transcrito no Musibraille e impresso em Musicografia Braille.

Quadro 1 – Assuntos desenvolvidos.

Fonte: Criado pelo autor.

2.4 O método de pesquisa

Tendo em vista o aspecto experimental da presente ação, tanto para os alunos quanto para o professor, foi escolhido o método de pesquisa-ação, que consiste em [...] “uma forma de investigação-ação que utiliza técnicas de pesquisa consagradas para informar a ação que se decide tomar para melhorar a prática” (TRIPP, 2005, p. 447).

Todos os tipos de investigação-ação seguem um ciclo que se baseia na repetição das seguintes etapas: planejar, agir, descrever e avaliar a ação, na intenção de obter uma melhora da prática.

Assim, durante esta pesquisa os ciclos foram realizados a cada uma ou duas aulas, onde eram produzidos os dados necessários para o planejamento da aula seguinte.

Outro aspecto fundamental no ciclo da pesquisa-ação é a reflexão, apesar desta não estar explícita em nenhuma das etapas, ela deve se fazer presente durante todo o ciclo de pesquisa.

2.5 As técnicas de coleta de dados

Durante o planejamento para a implementação da ação, foi escolhida a observação participante como principal técnica de coleta de dados. Esta técnica permite a inserção do pesquisador enquanto participante, possibilitando uma maior percepção com relação às situações surgidas no campo a partir das ações propostas.

Com relação às entrevistas realizadas, foi utilizada a técnica de entrevista semiestruturada individual e em grupo. A entrevista semiestruturada foi utilizada em dois momentos distintos durante a pesquisa. Primeiro, ainda na fase de planejamento da ação, com o professor Antonio Borges, na intenção de esclarecer alguns aspectos sobre a utilização do *software*, que surgiram após a formulação do projeto de pesquisa. E posteriormente, durante a ação, com os alunos Fábio e

Wesley para que fosse possível a implementação de uma mudança na prática¹⁰.

Sobre o registro dos dados, em virtude da minha inserção enquanto professor e pesquisador, todas as aulas foram gravadas em áudio para que fossem, posteriormente, transcritas e analisadas. O mesmo ocorreu com as entrevistas.

Após as transcrições, das aulas e das entrevistas, os dados foram organizados em dois cadernos: Caderno de campo (CC) e Caderno de Entrevistas (CE).

Com relação à análise dos dados, esta foi iniciada após o término da ação, quando o material coletado foi organizado e categorizado com base nas regularidades e recorrências encontradas em campo considerando os objetivos propostos.

3 | UTILIZAÇÃO PEDAGÓGICA DO MUSIBRAILLE

A partir da entrevista com Antonio Borges foi possível perceber que o foco do Musibraille estava mais voltado para a facilitação da transcrição de partituras em Braille pelo professor vidente do que para uma utilização pedagógica sistemática.

Esta facilitação na produção de partituras estava sendo atribuída a duas atualizações realizadas no *software* na versão lançada durante esta pesquisa, como pode ser observado a seguir.

[...] na versão 1.9 do Musibraille, você escreve a música utilizando um programa de edição convencional como por exemplo o Finale, aí você pede pra exportar para o formato chamado *Music xml*, e aí ela entra direto no Musibraille e produz o Braille e nem precisa digitar, ela já é produzida (C.E – Antonio Borges, p. 7-8)¹¹.

Além da possibilidade de importar arquivos em formato *music xml*, esta versão lançou uma ferramenta de transcrição chamada *pianinho*, que [...] “é uma ferramenta que apresenta o desenho de um piano na tela e você com o mouse vai clicando ali ou mesmo com o teclado, e ele vai produzindo o Braille a partir de suas tecladas” [...] (C.E – Antonio Borges, p. 5).

A partir dessas considerações, apesar dos dados produzidos nesta pesquisa poderem ser utilizados para a criação de novas ferramentas de utilização pedagógica ou para a realização de melhorias no próprio *software* (como sugerido pelo entrevistado), a ação se ateve a utilização das ferramentas já existentes no Musibraille, discutindo sobre o seu potencial pedagógico a partir da interação dos alunos com o mesmo durante as aulas desta pesquisa.

3.1 O desenvolvimento das aulas

Ainda nessa fase de planejamento, foi pensada uma abordagem metodológica na qual o uso do *software* possibilitasse uma aprendizagem o mais abrangente possível, não se limitando a atividades voltadas apenas para a escrita e leitura

10. Algumas dúvidas com relação ao Musibraille e a Musicografia Braille, foram sanadas a partir do *musibraille-groups* – uma lista de discussão utilizada para divulgação e discussão sobre o Musibraille.

11. Esse padrão será utilizado para as referências ao caderno de entrevistas.

musical em Braille. Nesse sentido,

Seja qual for o tipo de *software* para uso em Educação Musical, é importante que sejam observados pressupostos pedagógicos coerentes com os objetivos educativos do contexto e, principalmente, que o mesmo propicie o desenvolvimento musical da forma mais abrangente possível (MILLETO *et al.*, 2004, p. 2).

Em seguida, foi realizada a fase de implementação nas duas primeiras aulas, cujos dados produzidos foram obtidos a partir da análise das mesmas, enfatizando os comentários dos alunos sobre o uso do *software* e sobre os assuntos trabalhados. A partir dessas aulas, foi percebido que a familiaridade com o computador não seria um problema para os alunos, uma vez que os computadores eram equipados com o sistema DOSVOX¹² e os alunos tinham pleno domínio do seu uso.

Diante do exposto, os dados gerados durante o primeiro ciclo da pesquisa-ação foram avaliados, possibilitando a tomada de algumas decisões que direcionaram a prática durante as aulas seguintes. Como pode ser observado adiante.

Sobre a utilização do Musibraille na escrita musical, percebeu-se que a familiarização dos alunos com o *software* se deu de forma simples. Apenas as informações imprescindíveis para o uso do *software* foram explicadas antes do seu manuseio, tais como: o uso da tela de abertura guiada pelo sintetizador de voz, o modo de digitação *perkins*¹³ e as informações referentes à escrita musical em Braille, como a duração das notas, pausas e o uso obrigatório dos sinais de oitava no início da escrita. Tal necessidade foi também pelo fato de que o conhecimento anterior dos alunos referente à Musicografia Braille se restringia as sete notas musicais escritas em colcheia.

Com relação à leitura da Musicografia Braille, percebeu-se que os alunos realizavam uma leitura fragmentada, identificando caractere por caractere, falando o nome e a duração das notas, não atribuindo nenhum sentido musical ao que estavam lendo. Essa constatação indicou a necessidade de dedicar uma aula exclusivamente voltada a esta prática.

Diante desse primeiro ciclo também foram percebidas algumas formas de utilização pedagógica do *software* e nesse sentido nas aulas que se sucederam foi iniciado um trabalho de transcrição musical a partir da percepção melódica, e rítmica, como pode ser observado a seguir.

Início a aula pedindo aos alunos para abrirem um novo arquivo no Musibraille com o Título: “A barata diz que tem” – compositor: nome do aluno, Compasso: 2/4, e as demais informações poderiam se manter. Eles seguiram tranquilamente. Em seguida, explico que realizaríamos um ditado onde o som seria tocado pelo *software* Encore e eles iriam transcrever no Musibraille, logo peço para eles ficarem atentos que iríamos começar a transcrição. Comunico a eles que a nossa

12. Sistema utilizado no computador para dar acesso as diversas funcionalidade do mesmo às pessoas com deficiência visual.

13. Equivalente à escrita na máquina de escrever em Braille.

música inicia com o sinal de 4ª oitava¹⁴ e em seguida uma pausa de semínima. Nesse momento, reproduzo os três primeiros compassos, eles descobrem que começa com a nota sol e seguem com a transcrição (CC – Aula 3, p. 13)¹⁵.

Durante essa atividade as principais dúvidas dos alunos estiveram relacionadas à duração das notas e a quantidade de notas por compasso, ou seja, aspectos estritamente musicais, não demonstrando nenhuma dificuldade com o Musibraille. Ainda durante esta atividade o Wesley se incomodou com o andamento do Musibraille que estava diferente do andamento do Encore, nesse sentido, apesar de ambos os *softwares* estarem configurados para reproduzirem a 100 BPM, não estavam reproduzindo exatamente como deveriam e assim passei a utilizar o Musibraille também para a reprodução das músicas. Posto isso, a possibilidade de reprodução no mesmo andamento e a possibilidade de escolha do timbre dos instrumentos possibilitou uma atividade de reprodução simultânea a duas vozes em uma aula posterior.

A partir das possibilidades pedagógicas citadas anteriormente foi realizada uma atividade de transcrição a duas vozes, onde foram trabalhados os assuntos: pulsação, harmonia e timbre através da transcrição da introdução da música Asa Branca de Luiz Gonzaga, interpretada por Elba Ramalho, Geraldo Azevedo e Zé Ramalho – no CD O grande encontro.

A parte a ser transcrita pelos alunos era executada por uma flauta transversal e por um acordeom, conservando entre si uma relação de terças.

Iniciei esta atividade reproduzindo a música para que os alunos descobrissem quais eram os instrumentos que formavam o dueto, em seguida solicitei que os alunos colocassem as informações básicas da música na tela de abertura. Título: Asa Branca, Autor: Luiz Gonzaga, Tonalidade: Ré maior, compasso: 2/4, Andamento: 100, Instrumento: flauta ou sanfona. Ajustados os *softwares*, pedi que eles colocassem uma pausa de colcheia no início da música e o Wesley já pediu para eu fosse lembrando a ele qual era esse sinal. Na intenção de ajudar seu irmão, Fábio já responde 1, 3, 4 e 6¹⁶, logo reproduzi novamente para que os alunos iniciassem a transcrição.

Durante esta atividade, percebeu-se que apesar dos alunos apresentarem algumas dúvidas relacionadas aos caracteres da Musicografia Braille, inclusive a partir do aparecimento de informações novas, como o uso do bequadro, a percepção deles era bastante desenvolvida e identificavam facilmente sua parte no dueto. Ao final da transcrição, chegamos ao momento que considero mais significativo da atividade proposta: a reprodução simultânea. Nesse sentido, passei a marcar uma pulsação em compasso binário, para que os alunos reproduzissem as duas

14. O Musibraille só permite iniciar a escrita após a colocação do sinal de oitava.

15. Esse padrão será utilizado para as referências ao caderno de campo.

16. Fazendo referência aos pontos da cela braille.

vozes ao mesmo tempo e fizemos alguns testes até acertar a entrada. Em seguida, combinamos de apertar a tecla de reprodução (F6)¹⁷ depois da contagem de dois compassos em branco e da pausa de colcheia. Após algumas tentativas, os alunos conseguiram acertar a entrada e escutaram a reprodução a duas vezes. Esta atividade proporcionou um elevado nível de satisfação aos alunos.

Diante do panorama da ação apresentado, é possível perceber o quanto cada aula foi importante para desvelar as funcionalidades do *software*, trazendo novas abordagens nas aulas seguintes. Nesse aspecto, a participação ativa dos alunos foi fundamental e, partindo das experiências vivenciadas em cada aula, foi possível delinear outras funções para o *software* que, embora tenha como função principal a transcrição, mostra-se como um importante recurso para o ensino-aprendizagem musical.

3.2 Da leitura fragmentada à fluência na Musicografia Braille

Apesar da leitura musical em Braille estar presente em apenas dois momentos durante esta ação, desde a primeira atividade de leitura, percebeu-se que os alunos realizavam uma leitura fragmentada, semelhante à leitura feita pelo sintetizador de voz do Musibraille, identificando o nome e a duração das notas, caractere por caractere, impossibilitando uma noção global da partitura estudada.

Ao discutir sobre este assunto, Bonilha (2010) afirma que, “Não basta que eles conheçam os mecanismos de funcionamento, nem que eles decorem todos os símbolos musicais. É preciso que eles se tornem capazes de assimilar partituras por meio dessa notação, o que constitui uma tarefa de maior complexidade” (BONILHA, 2010, p. 43). A autora ainda destaca que existem [...] “dois níveis de aprendizado: o primeiro se refere ao conhecimento da simbologia musical em braille bem como de suas regras de utilização e o segundo se refere à capacidade de aplicar tal conhecimento à leitura de peças musicais” (BONILHA, 2010, p. 43-44).

Nesse sentido, a leitura realizada pelos alunos naquele primeiro momento, estava relacionada com o primeiro nível de aprendizado citado, sendo logo percebido que esta falta de habilidade poderia estar relacionada à falta de prática, uma vez que a fluência na Musicografia Braille é resultado de uma prática constante e orientada.

Ao voltarmos para a atividade de leitura da Musicografia Braille, foi proposta a realização da leitura à “primeira vista”¹⁸. Para tanto, foi entregue uma partitura aos alunos contendo três músicas (*Clementine – Connie Francis; Michael, Row the boat Ashore – Highwaymen; e Old MacDonald - Elvis Presley*) que continham os assuntos trabalhados durante a ação. Eles deviam escolher uma para realizar a atividade.

17. Reprodução total (toda a música de uma só vez).

18. Termo comumente utilizado para as pessoas de visão normal.

Durante o primeiro contato com as partituras, os alunos ficaram um pouco apreensivos e seguiram realizando uma leitura ainda fragmentada, não conseguindo dar um sentido musical ao que estavam lendo. Nesse momento percebe-se que os alunos ainda não possuíam uma “capacidade de abstração”, o que segundo Bonilha (2010), é um pressuposto básico para que “[...] o aluno possa organizar as informações presentes na partitura, de modo a apreender, com autonomia, a peça a ser lida” (BONILHA, 2010, p. 44). Desse modo, foi entregue uma flauta doce para que eles pudessem verificar a representação sonora daquilo que estavam lendo, assim como foi liberado o uso do Musibaille para que as dúvidas relacionadas aos caracteres da Musicografia Braille fossem solucionadas.

A partir desse momento os alunos Fábio e Wesley passaram a solicitar menos a minha ajuda, pedindo apenas para avaliar se aquilo que já tinham conseguido tocar estava correto. Assim, eles seguem com a leitura, dando um maior sentido a leitura musical em Braille, demonstrando pela primeira vez uma situação diferente da leitura fragmentada exposta anteriormente.

Em alguns momentos durante a leitura, após o uso da flauta doce e do Musibaille, foi observado que Wesley passa a solfejar a música batendo com o pé no chão para se orientar ritmicamente, no entanto, ele só consegue esse feito após uma leitura inicial, quando já havia dado um sentido musical àquilo que estava escrito.

Desse modo observa-se que o leitor de uma partitura Braille não obtém, à primeira vista, uma visão global ou panorâmica da peça, já que sua leitura é linear e fragmentada. Faz-se necessário, portanto, que o leitor memorize cada parte separadamente para que depois possa juntá-las e assim formar a noção do todo, dentro da peça (BONILHA, 2006, p. 28).

Sobre Fábio, este me surpreendeu ao ler toda a música *Old MacDonald*, inclusive realizando as variações rítmicas sobre uma nota só, a partir da flauta doce, tirando algumas dúvidas com o *software* Musibaille, quase sem minha orientação.

Nesse sentido, é importante destacar que o *software* Musibaille não era utilizado para a escrita e reprodução da música inteira, uma vez que esta prática inviabilizaria a avaliação da leitura, que era o propósito da atividade. Ao invés disso, ele era utilizado estritamente para sanar as dúvidas relacionadas aos caracteres que os alunos não lembravam, uma vez que o *software* fala o nome do caractere, assim como reproduz o som no caso das notas¹⁹. Este recurso possibilitou uma maior independência aos alunos durante a leitura musical em Braille.

Após ler toda a música e tocar na flauta doce, Fábio começa a transcrever o que estava impresso para o Musibaille, realizando esta atividade com tranquilidade, uma vez que já manuseia o *software*.

19. Dependendo do objetivo do professor, é possível pedir para o aluno habilitar ou desabilitar o som das notas assim como do sintetizador de voz para melhor avaliação das atividades propostas.

A partir da realização das atividades relacionadas à leitura musical em Braille, ficou evidente que o desenvolvimento de cada aluno se deu de forma diferenciada, em virtude das suas experiências anteriores, assim como da autonomia demonstrada. Sobre as principais dificuldades encontradas pelos alunos durante a leitura, estas estiveram ligadas a identificação da duração e dos caracteres que não estavam diretamente relacionadas às notas em colcheia, como ligadura, ponto de aumento, sinais de alteração, etc. No entanto, quando esclarecidas essas informações, os alunos conseguiram executar a leitura, musicalmente, a partir da flauta doce.

Nesse sentido, avalio como positivas as ações relacionadas à leitura, uma vez que foi possível relacionar durante toda ação, as atividades de leitura, escrita, audição e performance musical. Assim como foi possível notar um desenvolvimento significativo na leitura dos alunos, conseguindo passar de uma leitura fragmentada, à uma primeira fluência na Musicografia Braille. Nesse processo, o uso do Musibraille foi fundamental no desenvolvimento da leitura musical em Braille pelo próprio aluno, descentralizando a função do professor e possibilitando ao aluno uma maior autonomia na construção do seu conhecimento.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

As discussões propostas ao longo deste trabalho a partir da ação realizada, procuraram elucidar algumas possibilidades de utilização pedagógica do Musibraille contribuindo para uma melhor compreensão do seu uso no processo de ensino-aprendizagem musical, identificando aspectos que potencializaram a sua utilização pedagógica.

No que se refere à aprendizagem musical dos alunos através da interação com o Musibraille, foi observado que o mesmo possibilitou uma aprendizagem abrangente, relacionando os fundamentos da escrita musical em Braille às atividades de leitura e performance musical através da flauta doce. Além disso, foi desenvolvida a percepção auditiva a partir dos seus aspectos melódico, harmônico, rítmico e timbrístico através de atividades de transcrição e reprodução musical. Desse modo, a ação pedagógica foi de desenvolvimento dos aspectos relacionados à teoria e a percepção musical através do uso do *software*, evidenciando as potencialidades e as especificidades do uso do computador para a construção do conhecimento musical do aluno com deficiência visual.

Sobre os conhecimentos necessários ao professor para a mediação pedagógica por meio do Musibraille, apesar da sua *interface* ser adaptada para que o professor possa acompanhar as atividades realizadas no *software* a partir da exposição do que é escrito pelo aluno em um pentagrama na parte inferior da *interface*, os conhecimentos relacionados à transcrição de partituras em tinta para

o Braille, aos fundamentos da Musicografia Braille, à utilização pedagógica do computador, foram fundamentais para a concretização dessa mediação.

REFERÊNCIAS

ARALDI, Juciane; CHAGAS, André; SILVA, Antonio Manoel; SOUZA, Leonardo; PEREIRA, Raquel; SOUZA, Tuball; ARAUJO, Wilame. Grupo de estudos TEDUM: aproximando tecnologias digitais e Educação musical. In: ENCONTRO REGIONAL NORDESTE DA ABEM, 11., 2012, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza: ABEM, 2012.

BONILHA, Fabiana Fator Gouvêa; CARRASCO, Claudiney Rodrigues. Ensino de musicografia braille: um caminho para a educação musical inclusiva. In: CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MUSICA, 17., 2007, Campinas. **Anais...** Campinas, 2007. p. 1-6. Disponível em: http://www.anppom.com.br/anais/anaiscongresso_anppom_2007/educacao_musical/edmus_FBonilha_CCarrasco.pdf Acesso em: 07 abr. 2012.

BONILHA, Fabiana Fator Gouvêa; **Leitura musical na ponta dos dedos: caminhos e desafios do ensino de musicografia braille na perspectiva de alunos e professores.** 2006. 233 f. Dissertação (mestrado-música) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000380211&fd=y> Acesso em: 10 out. 2012.

_____. **Do toque ao som: o ensino da Musicografia Braille como um caminho para a educação musical inclusiva.** 280 f. Tese (doutorado-música) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, 2010. Disponível em: http://www.musicografia.net/uploads/1/1/2/4/11245254/bonilhafabianafatorgouvea_d.pdf Acesso em: 10 out. 2012.

BORGES, Antônio; TOMÉ, Dolores. **Musibraille: manual de operação versão – 1.4.** Disponível em: <http://www.musibraille.com.br/textos/> Acesso em: 23 abr 2012.

CADERNO DE CAMPO (CC). Relatórios. p. 1-26.

CADERNO DE ENTREVISTAS (CE). Entrevistas. p. 1-26.

CARVALHO, Maressa Miquelino de. **O ensino específico de música para deficientes visuais: o método Musibraille.** 2010. 33f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Educação Musical) - Universidade Federal de Goiás. Escola de Música e Artes Cênicas, Goiânia, 2010.

CUCCHI, Kátia Daniela. O uso do software Musibraille na intermediação educador leigo em musicografia braille e um educando cego. In: CONGRESSO BAIANO DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA, 2., 2011, Bahia. **Anais...** Bahia, 2011. Disponível em: <http://www.3cbei.ufba.br/modulos/submissao/Upload/37116.pdf> Acesso em: 23 abr. 2012.

CUCCHI, Kátia Daniela. Software musibraille: a interface entre educador leigo em musicografia braille e educando cego. 128 f. Dissertação (Mestrado-Música) - Escola de Música da Universidade Federal da Bahia, 2013. Disponível em: http://intervox.nce.ufrj.br/musibraille/textos/dissertacao_katia_cucchi.pdf Acesso em: 10 abr. 2019.

FRANÇA, Cecília Cavaliere. Sozinha eu não danço, não canto, não toco. **Música na educação básica.** Porto Alegre: Associação Brasileira de Educação Musical, p. 23-35, 2009. Disponível em: http://www.abemeduacaomusical.org.br/Masters/revista_musica_na_escola/revista_musica_educacao_basica.pdf. Acesso em: 31/03/2012.

FRANÇA, Celília Cavaliere; SWANWICK, Keith. Composição, apreciação e performance na educação musical: teoria, pesquisa e pratica. **Em pauta**, 13, 21. p. 5-41, 2002. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/EmPauta/article/view/8526/4948> Acesso em: 25 Mar. 2013.

FRITSCH, Eloi Fernando; FLORES, Luciano Vargas; MILETTO, Evandro Manara; VICARI, Rosa Maria; PIMENTA, Marcelo Soares. *Software musical e sugestões de aplicação em aulas de música*. In: HENTSCHKE, Liane; DEL BEN, Luciana (Org.). **Ensino de música: propostas para pensar e agir em sala de aula**. São Paulo: Moderna, 2003. p. 141-157.

GOHN, Daniel. **Tecnologias digitais para educação musical**. São Carlos: EdUFSCar, 2010.

KROLICK, B. (Comp.) **Novo manual internacional de musicografia braille**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2004. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=103365. Acesso em: 10 maio 2013.

MILETTO, Evandro M; COSTALONGA, Leandro L; FLORES, Luciano V; FRITSCH, Eloy F; PIMENTA, Marcelo S; VICARI, Rosa M. Educação Musical Auxiliada por Computador: Algumas Considerações e Experiências. **Revista da Abem**, UFRGS, p. 2-10, 2004.

SOUZA, Jusamara. Educação musical e práticas sociais. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, 10, 7-11, 2004.

TRIPP, David. Pesquisas ação: Uma introdução metodológica. **Educação e pesquisa**. São Paulo, v 31, n.3, p. 443-466, set. 2005.

TOMÉ, Dolores. Musicografia braille: instrumento de inserção e formação profissional. In: TOMÉ, Dolores. **Introdução à Musicografia Braille**. São Paulo: Global, 2003. p. 21-34.

ÍNDICE REMISSIVO

B

Bandas Filarmônicas 74, 75, 76, 77, 79, 83, 84, 86, 87, 88

C

Capital Cultural 1, 2, 3, 5, 8, 9

Chorinho 37, 38, 40, 41, 42

Chorinho da Praça 37, 38, 42

Cognições 83

Criatividade 25

D

Desenvolvimento 14, 15, 21, 24, 25, 27, 29, 32, 33, 52, 53, 57, 71, 89, 95, 98, 99, 101, 104, 107, 108, 109, 112, 113

Didáticas Variadas 23

E

Educação Fundamental 102

Educação Musical 1, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 21, 22, 23, 25, 26, 27, 28, 34, 35, 46, 47, 53, 58, 59, 61, 72, 115

Ensino-Aprendizagem 35, 47, 48, 55, 57, 90, 96, 102, 115

Ensino da Música 13, 28

Ensino Fundamental 15, 60, 102, 107

Epistemologia genética 60, 63

Escolas de Música 1, 3, 5, 6, 7, 9

Extensão 104, 105, 106, 107, 113, 114, 123

F

Folclore 11, 12, 13, 15, 16, 17, 18, 20, 21, 22, 31, 34

G

Gêneros Musicais 5, 6, 8, 11, 18, 19, 107, 111, 113

Grupo Chorinho da Praça 37

I

Inter-relações 37, 38, 39, 45

L

Linguagem 14, 23, 27, 28, 34, 60, 61, 83, 91, 92, 95, 96, 118, 119, 120

Língua Inglesa 89, 90, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 99

Literatura 15, 27, 28, 38, 48, 112, 115, 116, 117, 120, 121, 122

M

Memórias 74, 75, 76, 77, 78, 79, 82, 86, 88, 120

Migração 74, 76

Movimento 21, 39, 77, 118, 121

Musibaille 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58

N

Noção de Música 60, 64, 72

P

Pedagogia Musical 7, 48

Percepção Musical 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 32, 33, 34, 35, 50, 57

Pesquisa 1, 3, 9, 13, 14, 21, 23, 25, 26, 32, 33, 34, 36, 37, 38, 39, 42, 43, 44, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 58, 59, 60, 63, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 75, 76, 78, 79, 84, 86, 89, 98, 101, 103, 104, 105, 110, 111, 115, 123

Práticas pedagógicas 28, 113

R

Rimas 19, 115, 116, 119, 120

Rio de Janeiro 1, 2, 3, 21, 34, 35, 36, 39, 46, 48, 74, 75, 76, 77, 79, 80, 83, 84, 86, 87, 88, 102, 115, 120, 121, 122, 123

Ritmos 31, 32, 33, 34, 35, 115, 116, 118, 119, 120

Rivalidade 74, 76, 77, 79, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87

Roda de Choro 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46

S

Software 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 55, 56, 57, 58, 59

Sons 14, 62, 71, 72, 94, 95, 115, 116, 117, 119, 120

U

Utilização pedagógica 47, 52, 53, 57, 58

 **Atena**
Editora

2 0 2 0